

ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A TRANSCENDÊNCIA DO "EU"

MARIA JANE SILVA DE SOUZA

82.09  
S7J9J  
Ex 1  
C92569767

PONTES E LACERDA, AGOSTO DE 2002



ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A TRANSCENDÊNCIA DO “EU”

Ensaio Monográfico apresentado à  
UNEMAT/Campus Universitário de Pontes e  
Lacerda como requisito final para a obtenção  
do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profª Nilsa Andréa dos santos

Pontes e Lacerda, agosto de 2002

Dedico este ensaio monográfico aos meus  
pais Sebastião Teixeira de Brito e Vidaula  
Alves de Souza Brito, com muito amor e  
carinho.

A minha filha Raisal Marcelino e Silva, que assim como “o brilho das estrelas faz a beleza do céu (...)” (Eclesiástico, cap. 43, v.10), ela brilhou em minha vida e realizou meu sonho: ser mãe.

Ao meu esposo e amigo, Wilton Marcelino de Souza, que apoiou-me de forma integral.

A minha gratidão às professoras do estágio, Cleunice Maria de Andrade Silva e Mércia de Almeida Simões, a minha orientadora, Nilsa Andréa dos Santos e a coordenadora do curso, Madalena Aparecida Machado, pelo apoio, pela paciência e dedicação, que proporcionou em mim, o desenvolvimento do conhecimento necessário para esta produção.

A minha amiga e colega de curso, Lyz Maria Accorsi, que Deus a ilumine e proteja no seu caminho.

“O ser humano jamais seria um ser acabado e nunca seria tudo aquilo que pode ser; estaria sempre diante de uma série infinita de possibilidades, sobre as quais se projeta.”

**Martin Heidegger**

## SUMÁRIO

|                                                |    |
|------------------------------------------------|----|
| Apresentação.....                              | 7  |
| A Trajetória da Literatura.....                | 8  |
| O Percurso Literário de Clarice Lispector..... | 21 |
| A Transcendência do “eu”.....                  | 28 |
| Conclusão.....                                 | 37 |
| Bibliografia.....                              | 38 |
| Anexos                                         |    |

## APRESENTAÇÃO

Este ensaio monográfico, “fez-se” a partir de inquietações de um leitor que ao ouvir o nome do romance *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector, ficou intrigado e isto, o instigou de imediato a descoberta da “estrela”, existente na obra e em cada um, assim proporcionando uma reflexão e o questionamento do mundo existencial.

A obra em questão localiza-se no Período Pós-Moderno, influenciada pelo Movimento Filosófico Existencialista, que seria a expressão de uma experiência individual do homem.

Para uma melhor exposição deste ensaio monográfico, ele foi dividido em três partes: na primeira parte, a literatura de maneira geral será enfocada; na segunda parte tecer-se-á sobre a literatura de Lispector; na terceira parte, a análise e as considerações finais.

Diante deste oceano de elementos, a seguir estará enfocada inquietações de um leitor, que vive numa fase de transição, ora sendo existencialista, ora sendo cristão.

## A TRAJETÓRIA DA LITERATURA

A literatura é uma maneira de percepção da realidade humana, que é expressa através da linguagem artística e esta, é composta de diversos elementos e componentes do texto: o estilo, a tendência; que relacionam-se de forma prática ou complexa. Assim, de acordo com CANDIDO (2000), a literatura é uma reorganização do mundo em termos de arte.

É através do uso da linguagem, que a literatura difere-se de outras artes, e é por meio desta literatura, que o homem pode produzir obras artisticamente elaboradas com linguagem poética, textos literários que podem refletir sobre a sociedade e seus problemas existenciais, entre outros.

Com isto, a literatura, além de proporcionar prazer, “(...) é a fonte mais fascinante de conhecimento real”, daí, é possível considerar que a atividade literária é de mesma natureza que a sociedade humana, “(...) não existindo povo sem literatura”, (D’ONÓFRIO, 1997:10).

Segundo D’ONÓFRIO (1997), o primeiro estudioso da literatura foi Aristóteles no século III a.C., que afirmou em sua poética: “Arte literária é mimese (imitação); é a arte que imita pela palavra”. O pensamento aristotélico, de que o poeta arremessa e constrói a obra seguindo as regras estruturais de cada gênero, por meio de uma elaboração genuína perseverante e apurada, é substituída pela concepção platônica do poeta “inspirado”.

Para Platão, a poeticidade reside em dons naturais revelados por rápidos momentos de entusiasmos e expresso por uma linguagem emotiva.

Ao findar estes momentos de arrebatamentos românticos, retomou-se a questão da divisão da literatura em gêneros, e assim estabelecer um equilíbrio sem os

extremismos da teoria clássica e romântica. Opondo-se a teoria clássica que é “prescritiva”, a concepção moderna do gênero literário é “descritiva”.

Em teoria clássica, o termo prescritiva, consiste numa aceitação na ordem do conhecimento de fatores independentes da experiência. Já no termo descritiva, pelo contrário, não exige moldes e de “cânones” estéticos adiantes à produção literária. Portanto, a teoria moderna dos gêneros, não demarca o número das espécies possíveis, admitindo sim, a possibilidade de agrupamentos de gêneros existentes e do aparecimento de novas formas literárias: épico, lírico e dramático.

Então, é a partir destas novas formas literárias, que o homem sentiu-se mais confiante e com liberdade para fazer reflexões em âmbitos sociais, políticos, num eterno questionamento. Mas, segundo CULLER (1999), a literatura pode tornar uma pessoa ativa ou passiva, uma vez que historicamente foi vista como perigosa, pelos seus questionamentos, em relação ao autoritarismo e as questões sociais.

Houve um tempo em que acreditou-se que os romances poderiam deixar as pessoas insatisfeitas com a vida que levavam e, tornando-as ansiosas por algo novo. Porém, o livro pode trilhar por vários campos, estimulando a pesquisa e abranger o universo espiritual que idealiza-se, e na busca incessante do ser.

Para COUTINHO (1997), este universo liga-nos a todos os fenômenos universais e fica explícito, que a existência humana é de aparência fenomenal da substância, em que projeta-se o espírito como uma imagem, que reflete-se os valores. E é através destes valores, que os escritores aspiram as transformações do mundo, tencionando-se em convertê-lo em ideal. Para conseguir tal ideal, o homem terá que construir uma nova sociedade, com objetivos de mudanças e transformações de vida, afim de que origine-se um “mundo jovem”.

A literatura desde os seus primórdios, foi alicerçada por estudiosos, pessoas sensíveis que analisavam a vida humana, a sociedade, a organização política, com o

propósito de criação de uma nova estética da literatura e este estudo continua até hoje, refletindo sobre a organização cultural e social.

No século XX, vários são os pensadores, que apresentam contribuições teóricas ao estudo da evolução da Literatura, dentre eles destacam-se: Sigmund Freud (na Psicanálise), Karl Marx (no Social), Jean-Paul Sartre (na Filosofia), Martin Heidegger (na Filosofia) entre outros. Enfim, ao estudar literatura, há um prestígio em destacar as contribuições de gênios revolucionários modernos. “A exploração do inconsciente e a luta entre o capital e a força do trabalho, por exemplo, influenciaram e influenciam fortemente a produção artística, provocando inovações nas formas estéticas e nos conteúdos ideológicos”, (D’ONÓFRIO, 1997:412).

Este ensaio monográfico, será direcionado a partir deste momento ao “Existencialismo”<sup>1</sup>, que é uma doutrina filosófica que centra sua reflexão sobre a existência humana considerada em seu aspecto particular, individual e concreta, na busca do “eu”, que será objeto de análise.

Considerado fundador do existencialismo o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855), valoriza a vida individual que não pode ser compreendida dentro de um sistema filosófico abstrato. E por ser este, um homem religioso, sente o peso da condição humana, atormentada pela sua finitude, solidão espiritual e angústia do pecado.

Contrariando aos pensamentos de Kierkegaard, está Martin Heidegger (1889-1976), partindo da existência humana, tal como se dá imediatamente à consciência, a fim de elevar-se até o desvendamento do ser em si mesmo.

---

1-Ver Salvatore D’Onófrío, in *Literatura Ocidental*, tornando-se assim um referencial à todas as citações, com exceção daquelas que forem indicadas.

A vida cotidiana do homem, seria constituída por três aspectos fundamentais: a “facticidade” que consiste no fato de o homem estar jogado no mundo, sem que sua vontade tenha participado disto; a “existencialidade” ou “transcendência” é constituída pelos atos de apropriação das coisas do mundo, por parte de cada indivíduo; e a “ruína” significa o desvio de cada indivíduo de seu projeto essencial, em favor das preocupações cotidianas, que o distraem e o perturbam, confundindo a massa coletiva.

Heidegger, opunha-se ao idealismo<sup>2</sup>, os existencialistas defendiam uma Filosofia que não estivesse além do humano. Eles diziam, “só se adquire o conhecimento vivendo a realidade”. Segundo Heidegger (2000), esta vivência dá-se sobretudo, pela angústia, mediante a qual o homem toma consciência de que é um ser frágil num mundo cruel e absurdo, onde o seu destino é a morte.

Em suma, para Heidegger (2000), a vida cotidiana faz do homem um ser preguiçoso e cansado de si próprio, que acovardado diante das pressões sociais, acaba preferindo vegetar na banalidade e no anonimato, pensando e vivendo por meio de idéias, sentimentos acabados e inalteráveis, como ente exilado de si mesmo e do ser.

Já o filósofo, Jean-Paul Sartre (1905-1980) utiliza-se do Existencialismo para chegar ao Socialismo, identificando a corrente existencialista com um Humanismo radical. Coloca sua vida de homem e de intelectual ao serviço das causas proletárias, estudantis e a opressão das nações do Terceiro Mundo pelo capitalismo selvagem. E como militante do partido comunista, critica o desvirtuamento dos ideais marxistas, quando o governo soviético ordena a intervenção militar na Hungria em 1956.

---

2- Cujas afirmações básicas eram de que só através do pensamento puro alcança-se o conhecimento.

Sartre, age desta forma, porque é contrário a opressão, que seja da direita ou da esquerda. Esses ideais são defendidos no diário "Liberation" fundado por ele em 1973.

O pensamento filosófico de Sartre é profundamente marcado pela Fenomenologia de Husserl, isto é, aborda os objetos do conhecimento tais como aparecem; e pelo Existencialismo de Heidegger, ou seja, o ser humano está sempre procurando algo além de si mesmo, seu verdadeiro ser consiste em objetivar aquilo que ainda não é. Assim como Heidegger, Sartre dentro do existencialismo, aborda a busca do "eu", na própria natureza humana.

Portanto, para Sartre o homem é consciente do que faz, tem condições de projetar o futuro e a possibilidade da melhor escolha. E ele considera também, o homem o único responsável por tudo aquilo que é ou faz e, assim contesta a tese determinista da dependência dos fatores do ambiente e da hereditariedade. Torna-se imprescindível então, a compreensão do existencialismo em Sartre nas palavras do próprio Sartre: "O importante não é o que fazem do homem, mas o que ele faz do que fizeram dele", (apud ARANHA & MARTINS, 1996: 324).

Dentre as contribuições de "gênios revolucionários", destacam-se vários nomes, só que a partir deste momento o estudo será de forma mais singular: Henri Bergson (1859-1941), com "o pensamento intuicionista", isto é, valorizava o papel da intuição; Friedrich – Wilhelm Nietzsche (1844-1900), e sua concepção de "a liberação da vontade", com seu pensamento reflexivo à negação da metafísica e dos valores morais; Sigmund Freud (1859-1939), "a Psicanálise", seus estudos estão centralizados na formação da personalidade humana; Karl Heinrich Marx (1818-1883), "a força do trabalho humano", pois a essência das coisas não reside nas "idéias" mas nas realidades objetivas. O conhecimento do real, só é possível pela análise da dialética dos meios de produção, assim os homens ao proverem sua

subsistência estabelecem relações fundamentais com a natureza e com outros homens, uma vez que é a realidade social que determina a consciência dos mesmos e impõe os valores a serem observados, não o contrário. Porém,

“Não custa revelar que o pensamento marxista influenciou fortemente uma parcela da literatura moderna e contemporânea voltada para a problemática das injustiças sociais, especialmente o filão da narrativa ficcional chamada de ‘realismo socialista’ é o teatro engajado de Brecht e de Sartre”, (D’ONOFRIO, 1997: 419).

A apresentação destes pensadores da filosofia moderna, foi intencional, pois faz-se necessário mostrar a contribuição dos mesmos, nas manifestações (artísticas) literárias da Era Moderna, período este que compreende a obra de Clarice Lispector, mais precisamente *A Hora da Estrela*, dentro desta, objetiva-se analisar o “eu” de Rodrigo S. M./Macabéa.

Para uma melhor explanação, explorar-se-á os conceitos básicos acerca da Teoria Existencialista Heideggeriana. Segundo Heidegger (2000), para livrar-se de uma existência inautêntica, a destruição é prevista. Mas, destruição não significa ruína, e sim, desmontar, demolir, abrir o ouvido; tornando-o livre para aquilo que na tradição do ser do ente nos inspira.

Nesta “inspiração” de mundo, ao próprio ente, é sustentada e conduzida por um comportamento da existência humana livremente escolhida. Também, a atividade pré e extra científica do homem possui um determinado comportamento para com o ente. Quando o homem põe-se a serviço da pesquisa e do ensino há uma possibilidade de um comando próprio, ainda que delimitado, na totalidade da existência humana. A referência ao mundo que caracteriza a ciência e a postura do homem que a rege, entende-se, quando visualiza-se e compreende-se o que acontece na referência ao mundo, assim sustentada. O homem “um ente entre outros”/ “faz ciência”. Ao “fazer” ocorre a irrupção de um ente, o homem; e é através desta

irrupção que descobre-se o ente naquilo que é em seu modo de ser. “Esta irrupção reveladora”, colabora para que o ente chegue a si mesmo.

A referência ao mundo, comportamento e a irrupção; são três dimensões que trazem uma clara simplicidade e severidade do “ser-aí” na existência científica. Ao apoderar-se da existência científica, pode-se dizer que: o “aquilo” para onde dirige-se a referência ao mundo, o “aquilo” de onde todo comportamento recebeu sua orientação, o “aquilo” com que a discussão investigadora aconteceu na irrupção: “é o próprio ente /e mais nada / e além dele nada”. No entanto, este nada deve ser criativo, indagador que busca algo além de seus domínios, quem sabe um “eu” escondido no nada, a sua espera. Assim, os movimentos históricos/sociológicos e filosóficos influenciaram para o florescer de novas idéias na arte, chamados movimentos literários. Para uma maior clareza acerca do movimento literário Modernista, que é de certa forma objeto deste ensaio, a seguir faz-se necessário uma breve abordagem sobre as contribuições dos movimentos literários, que antecederam os das obras de Lispector: Romantismo, Realismo, Simbolismo e o Pré-Modernismo.

O movimento romântico brasileiro floresce como momento de negação; “(...) negação, neste caso, e na literatura luso-brasileira, mais profunda e revolucionária, porque visava redefinir não só a atitude poética, mas o próprio lugar do homem no mundo e na sociedade”, (CANDIDO,1993:22).

Ao observar o movimento romântico na Europa e aqui, tem-se a sensação ou idéia de um novo estado de consciência, que conceitua o indivíduo e o senso da história. “Por isso, individualismo e relativismo podem ser considerados a base da atitude romântica, em contraste com a tendência racionalista para o geral e o absoluto”, (CÂNDIDO,1993:22).

Este individualismo romântico, defende uma modificação do seu conceito de arte: “(...) ao equilíbrio que a estética neoclássica procurou estabelecer entre a

expressão e o objeto da expressão, sucede um desequilíbrio”, (CANDIDO, 1993:22), ou seja, a arte representa ao espírito romântico uma limitação da expressão, de toda a inexprimível grandeza que o artista prevê no mundo e nele próprio.

Para a estética romântica, havia dois termos superiores: “natureza” e “arte”; o artista concebia, estes termos, como um artesão; e ele é considerado um intermediário que desaparecia teoricamente na realização. O amor, a contemplação, o pensamento tinham entendimento, não sob forma de manifestação de uma pessoa, mas na medida em que existiam, num soneto, ode ou écloga.

A literatura deste período é extremamente sociável, pois, é “(...) marcada pelo senso do interlocutor, pelo limite que o próximo impõe à expansão do “eu”, sucede outra, que procura, sendo preciso, violar os tratados de relação normalmente implícitos na expressão literária, em benefício de um estado de solidão”, (CÂNDIDO, 1993: 23).

E o romance, no Romantismo, pôde servir de contrapeso ao individualismo, enriquecendo o período romântico e tamanha é a sua riqueza literária, que até hoje faz-se presente.

Um novo ideário artístico surge, após um movimento romântico, é o período literário denominado Realismo, que se aprofunda na narração de costumes contemporâneos. Nas obras de Stendhal, Balzac, Dickens, Hugo, Lesage, Jane Austen, entre os séculos XVIII e primeira metade do século XIX, já exibiam-se dons de observação e de análise. Desnadam-se as feridas da vida pública e os contrastes da vida íntima; e buscam-se para ambas causas naturais ou culturais, que lhes reduzem a área de liberdade. “O escritor realista tomará a sério as suas personagens e se sentirá no dever de descobrir-lhes a verdade, no sentido positivista de dissecar os móveis do seu comportamento”, (BOSI, 2002:169).

Assim, do Romantismo ao Realismo, houve uma passagem do vago ao típico, do idealizante ao factual. Quanto a composição, os narradores procuram ser coerentes no esquema dos episódios, que passam a ser regidos, por necessidades objetivas do ambiente, ou da estrutura moral dos personagens. Ganhando assim, a prosa de ficção, ares de sobriedade e rigor analítico com o advento da nova escola literária.

Foi no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, que o gosto de descrever por descrever, hipertrofiou-se, em razão da seriedade que norteou os primórdios do Realismo.

Após esta fase, romances com narrativas voltadas para a análise psicológica e crítica da sociedade, foram sobressaindo-se, como: *Memórias Póstumas de Bras Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esau e Jacó*, *Memorial de Aires*; todos estes, escritos por Machado de Assis. Estes romances machadiano analisam a sociedade através de personagens. Tornando-se assim, o romance realista um documento, um retrato de uma época.

Uma nova estética literária começa a manifestar-se, a partir do final da década de 1870, é o Parnasianismo, que é a estética da “arte pela arte”, ou da “arte sobre a arte”, que mantém seus poetas à margem das grandes transformações do final do século XIX e início do século XX.

A poética parnasiana, sob postura anti-romântica, baseia-se em dois termos: “objetividade temática / culto da forma”.

O primeiro termo, surge como negação ao sentimentalismo romântico, tencionando atingir a “impossibilidade” e a “impessoalidade”. Contrariando ao subjetivismo decadente, o universalismo, daí resultando numa poesia carregada de descrições objetivas e impessoais. Retoma-se a Antiguidade Clássica, a seu

“racionalismo” e as suas “formas perfeitas”. Surge então, a poesia de meditação filosófica, mas artificial.

Outro período literário surge em 1893 no Brasil é o Simbolismo. As obras que despontam nesta nova tendência são: *Missal* (prosa) e *Broquéis* (poesia), ambos de Cruz e Sousa.

Com o início do Simbolismo não pode, contudo, ser identificado com o término do movimento anterior, o Realismo. Na verdade, no final do século XIX e início do século XX três tendências caminham paralelas: o Realismo e suas manifestações (romance realista, naturalista e poesia parnasiana); o Simbolismo, posicionado à margem da literatura acadêmica da época; e o Pré-Modernismo, com o surgimento de alguns autores apreensivos em relatar a realidade brasileira, como Euclides da Cunha, Lima Barreto, entre outros.

O movimento simbolista repudia o Realismo e suas manifestações. Rejeitando também, o cientificismo, o materialismo, o racionalismo, porém valorizava, as “manifestações metafísicas e espirituais”, correspondendo assim, à negação do Naturalismo e do Parnasianismo.

O que interessa ao homem parnasiano, é a “realidade subjetiva”, retomando um aspecto do Romantismo. O “eu” passa a ser o universo, mas não o “eu” superficial como no Romantismo, mas na busca da essência do ser humano, a “alma”. Daí a “sublimação”, tão desejada pelos simbolistas; a oposição entre matéria e espírito, a purificação, pelo qual o espírito atinge regiões etéreas, o espaço rumo ao infinito, a morte.

Em 1922, na cidade de São Paulo, houve um acontecimento, que impôs atenção como um divisor de águas: “A semana de Arte Moderna”, que projeta o Modernismo, como uma tendência literária.

Esta manifestação é idealizada por um grupo de artistas, que pretendem colocar a cultura brasileira a par das correntes de vanguarda do pensamento europeu (Futurismo, Expressionismo, Cubismo, Dadaísmo e Surrealismo), ao mesmo tempo que, pregava a tomada de consciência da realidade brasileira.

O Movimento Modernista, de acordo, com Mário de Andrade (1998), foi manifestado especialmente pela arte, mas manchando também com violência os costumes sociais e políticos. O Movimento Modernista foi o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito nacional. A transformação do mundo, com o enfraquecimento gradativo dos grandes impérios, com a prática europeia de novos ideais políticos, a rapidez dos transportes e muitas outras causas internacionais, bem como o desenvolvimento da consciência americana e brasileira, os progressos internos da técnica da educação, impunham a criação de um espírito novo, exigiam a reverificação e mesmo a remodelação da Inteligência Nacional. Isto foi o Movimento Modernista, de que a Semana de Arte Moderna ficou sendo o brado coletivo principal.

Em suma, a Semana de Arte Moderna, deve ser vista também como um movimento político e social e não somente como um movimento artístico.

De 1922 a 1930, é considerado como um primeiro momento modernista e o mais radical, pois defendia-se neste período, o rompimento com todas as estruturas do passado. Originado-se daí, o caráter anárquico e seu sentindo destruidor.

Simultaneamente ao desejo do/no moderno, há uma volta às origens, a procura de uma língua brasileira, as paródias e a valorização do índio brasileiro.

A Segunda fase do Modernismo Brasileiro estende-se de 1930 a 1945, sendo esta considerada rica em termos de produção poética, que representa um amadurecimento e um aprofundamento das conquistas da geração de 1922.

Assim, é possível perceber, uma nova postura artística, ao analisar a temática: há um questionamento da realidade, o escritor questiona-se como pessoa e como artista em sua tentativa de explorar e de interpretar o estar-no-mundo. Resultando, numa literatura mais construtiva e politizada, isto é, leva um indivíduo ou classe social a tomar consciência das relações políticas vigentes em uma sociedade. Os representantes deste período são protagonistas de uma corrente mais direcionada para o espiritualismo e o intimismo.

As produções literárias da geração de 30, sofrem influências das transformações sentidas pelo país com a Revolução de 1930. O romance desenvolvido neste período, caracteriza-se pela denúncia social, eu/mundo. Nesta busca do homem brasileiro, o regionalismo ganha um “status”, que até então não havia alcançado na literatura brasileira.

Em 1945, a literatura brasileira, sofre alterações marcantes e opiniões divergentes quanto às manifestações. Para uns ela representa o progresso e a outros, um retrocesso. Assim, segundo BOSI (2002), há uma “tendência de compor o fenômeno literário a partir dos materiais da linguagem”.

- A prosa, tanto nos romances como nos contos, segue caminho já trilhado. Nela busca-se uma literatura intimista, de introspecção psicológica, que objetiva explorar a alma humana, tencionando-se descobrir os mistérios presentes na memória do subconsciente e do inconsciente. Grandes nomes destacam-se como defensores deste tipo de narrativa introspectiva: Otávio de Farias, Lúcio Cardoso, Cornélio Pena, Autram Dourado e Clarice Lispector, considerada a autora que melhor possui a consciência da cultura Ocidental, usando a técnica do monólogo interior para expressar e modificar a corrente do pensamento seguindo os passos de Joyce e outros.

Chega-se finalmente ao romance de experimentalismo formal que é denominado narrativa moderna, em que a linguagem não é mais considerada um meio para representação do real, mas é criadora de novas realidades. Sendo assim, o romance não tem mais o objetivo de representar uma história linear, com começo, meio e fim, mas modificar idéias e sentimentos que invadem o espírito dos personagens.

O percurso da literatura foi relatado propositadamente, a fim de alargar os horizontes do leitor, para então alcançar-se o campo de análise, que consiste no Modernismo de Clarice Lispector, com sua produção literária inovadora, denominada *A Hora da Estrela*.

## O PERCURSO LITERÁRIO DE CLARICE LISPECTOR

Clarice Lispector nasceu numa aldeia chamada Tchetchelnik, na Ucrânia. Veio para o Brasil, com dois meses de idade. Assim, naturalizou-se brasileira, residente em Recife.

Em 1944, publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. Sendo este, saudado por Antônio Cândido:

“Com efeito, este romance é um tentativa impressionante para levar a nossa língua canhesta a domínios pouco explorados, forçando-a a adaptar-se, a um pensamento cheio de mistério, para o qual sentimos que a ficção não é um exercício ou uma aventura afetiva, mas um instrumento real do espírito, capaz de nos fazer penetrar em alguns dos labirintos mais retorcidos da mente”, (CÂNDIDO,1980:127).

Além de ser saudado por Cândido, vários foram os críticos literários, que produziram artigos, ensaios e documentos, com a finalidade de exporem suas análises, realizadas após a observações das obras clariceana.

A partir deste momento, algumas observações dos críticos sobre Lispector serão ressaltadas. Os mais importantes artigos sobre as obras clariceanas, poderão ser localizadas em *A Escritura de Clarice Lispector*, de Olga de Sá. Assim, estes críticos saudaram Lispector como uma das maiores “estrelas” na “hora” do Modernismo.

O *Diário Crítico* de Sérgio Milliet, foi o primeiro a documentar a receptividade da crítica brasileira a obra de Lispector. Milliet, reagiu com sensibilidade e inteligência à estréia da ficcionista e mencionou: “As descobertas são raras mesmo. Pois, desta feita fiz uma que me enche de satisfação”, (apud SÁ,2000:26).

Álvaro Lins, em um de seus artigos, escreve: “Não tenho receio de afirmar, todavia, que o livro da Sra. Clarice Lispector é a primeira experiência definida que se faz no Brasil do moderno romance lírico, do romance que se acha dentro da tradição de um Joyce ou de uma Virgínia Woolf”, (apud SÁ,2000:33).

Em 1946, Lins tece comentários a respeito de *O Lustre* de Lispector, dizendo que este romance é um “(...) simples jogo de palavras no ar (...)”, (apud SÁ,2000:35). Assim, a crítica de Álvaro Lins, em relação a Lispector, deixou um saldo positivo, pois ele foi capaz de intuir o novo, mas nem sempre conseguiu avaliá-lo como tal.

No seu artigo intitulado *O Lustre* de Gilda de Melo e Souza, pode-se observar os vários “adjetivos” ironizados pelo crítico:

“A sra. Clarice Lispector é uma escritora ambiciosa. Nisso reside, aliás, a majestade barroca com que avança pelos problemas mais complicados, tentando resolvê-los. Possuidora de enorme talento e de rara personalidade, terá de sofrer, fatalmente, as desvantagens de ambos. Já que lhes usufrui largamente os benefícios”, (apud SÁ,2000:37).

Para SOUZA (apud SÁ,2000:38), Lispector oferece-nos sua visão do mundo por meio de um mito e assim aproxima-se de Monsieur Ouine de Bernanos e das novelas de Kafka.

A 30 de maio de 1950, em um artigo de jornal, Sérgio Buarque de Holanda, reconhece a surpreendente novidade da primeira obra da autora, qualidade, porém que teria se diluído em *A Cidade Sitiada*.

Roberto Schwarz em 1959, quinze anos depois da publicação de *Perto do Coração Selvagem* escreve um artigo significativo. Nele, Schwarz questiona a validade de criar-se, na época moderna, um romance de personagem. Preconiza o chamado “modo existencial” do romance, em que o substrato humano essencial, alheio à complicação novelesca, seria o herói principal. Surgiria então, um romance em que o enredo e o principal recurso narrativo, o tempo, tornariam-se inúteis, pois

teriam só a função de criar coerência accidental entre momentos essenciais. Um romance sem circunstância do mundo empírico, sem fabulação variada, sendo assim, somente *Perto do Coração Selvagem*, resistiria a esta espécie de despojamento. Desta forma, Schwarz considera este romance “(...) uma iluminadora reflexão artística sobre a condição humana”, (apud SÁ,2000:39). Nele, o tempo é inexistente como possibilidade de evolução.

Em 1960, Eduardo Portella, escreve um artigo, saudando em *Laços de Família*, o aparecimento de uma realização “mais consumada”, isto é, segundo SÁ (2000:41). Portella percebe claramente que a técnica clariceana do conto obedece a uma “ordenação estrutural”, capaz de violar as concepções e esquemas naturalistas acerca do gênero. Neste artigo de Portella, também identifica dois recursos, considerados “interpretes fiéis” da complexa intimidade humana: o estilo indireto livre e o ponto de vista.

O monólogo, também inclui-se nestes recursos, que conseguem verticalizar a narrativa e fragmentar as perspectivas, para se atingir o mundo interior. Pois, de acordo com PORTELLA (apud SÁ,2000:42) a extraordinária carga emocional que seus vocábulos carregam, aquelas palavras chaves produzem um efeito que é antes de tudo estético. Estético e eficaz. E para ser mais eficaz, mais móvel, o seu discurso serve-se de ritmos intercambiantes, ao mesmo tempo velozes e lentos. Ao criar estes ritmos, Lispector utiliza-se de uma pontuação funcional (não gramatical), de articulações coordenativas, repetições de vocábulos e construções. Seu expressionismo, simboliza um novo estágio da cultura brasileira.

Massaud Moisés, em 1961, analisa as obras de Lispector e as vincula à Fenomenologia e ao Existencialismo. Esta análise abrange os contos: “Laços de Família” e “A Legião Estrangeira.” (Ver nos anexos, os principais itens ligados à expressão.)

Em 1965, Adonias Filho, afirma que:

“(...) em Clarice Lispector é a percepção que engendra o monólogo e assim o conto se intelectualiza. Mas como o monólogo se funde com a linguagem, num estado de descoberta literariamente excepcional, há sangue e vida nesse monólogo”, (apud SÁ, 2000:50).

Benedito Nunes, em 1966, escreve o seu primeiro livro, acerca da obra de Lispector, e diz: “Em Clarice, é como se em vez de escrever, ela descrevesse, conseguindo um efeito mágico de refluxo da linguagem, que deixa à mostra ‘aquilo’, o inexpressado”, (apud SÁ, 2000:52). E Nunes, alude também, o fato de que Lispector, crescera muito a partir do aparecimento de *A Maçã no Escuro* em 1961.

Assis Brasil, em 1969, publica um estudo, sobre as obras de Lispector. Assim, para Brasil (apud SÁ, 2000:59), Lispector concebe seus escritos de dentro para fora ou melhor a partir do personagem, com isto, o mesmo salva-se de ser fantoche e a narrativa não se transforma em relato. A narração é conduzida pelo personagem e projeta-se o narrador onisciente. Assim, o personagem está mais propenso a indagar que, no romance psicológico, desaparecendo a linearidade interna e a arrumação episódica não obedece às leis de uma linearidade estrutural.

Contrariando Milliet, Brasil considera *A Cidade Sitiada*, um livro formalmente mais realizado da escritora, embora desde de *Perto do Coração Selvagem*, ela já apresentara-se madura e definida. Mas, o romance *A Paixão segundo G.H.* apresenta-se num plano menor de criação, pois há um desequilíbrio de linguagem e de situações paradramáticas, que faz desta obra um romance carregado de ensaísmo parafilosófico.

Mais um crítico, que aborda a obra de Lispector é Fernando G. Reis (apud SÁ, 2000: 62) num artigo, ele afirma que a literatura de Lispector responde a uma indagação vital, é uma volta às origens uma meditação sobre a condição do homem.

E ainda, afirma que o mundo da escritora é inevitavelmente um mundo feito à sua imagem e semelhança, com suas dimensões de mulher. As mulheres de Lispector são só; daí o seu impasse metafísico, a falta de respostas, em sua ficção. E quanto ao estilo, ele menciona que Lispector é um fenômeno orgânico: alimenta-se da natureza mesma da obra que está criando. Para ela, não só a realidade seria intraduzível de outra forma, como a própria percepção é intrínseca à realidade percebida.

Affonso Romano de Sant'Anna, aludiu em seu artigo (apud SÁ, 2000:75) os temas d' *A Maçã no Escuro*, que decorre de uma postulação central, a qual Lispector tem em comum com lingüistas e filósofos como Sapir e Heidegger, a linguagem como criação. Isto é, toda evolução de Heidegger pode ser nestes termos, a percepção é a primeira forma de pensamento, e este manifesta-se através da linguagem e nesta, o homem pode desenvolver, enriquecer o pensamento a descobrir o mundo e a si. O caráter simbólico da linguagem, une-se com a idéia de projeto assim, Heidegger arrasta para si o seu futuro, o seu projeto domina-o, apodera-se dele pela linguagem, pela conscientização de sua situação no trampolim do passado.

E ainda Sant'Anna (apud SÁ, 2000:79), resume as histórias de Lispector, num eixo sintagmático: pertencem a uma narrativa de estrutura simples; existe motivos recorrentes; os personagens não são tipos, nem caracteres psicológicos. Assim, a narração converge para tematização da linguagem. Seu estilo é de humildade, de humilde procura e faz da repetição seu modo de construção.

É com Alfredo Bosi, que finaliza-se a divulgação das análises críticas, sob a visão de Olga de Sá.

Para Bosi (apud. SÁ, 2000:79), a obra de Lispector situa-se na ficção supra pessoal, superando a ficção "egótica", e é com Lispector que, no romance contemporâneo brasileiro, a subjetividade entra em crise e salta do psicológico para o metafísico e disto a escritora tem plena consciência.

As análises realizadas por Benedito Nunes, que até hoje, apresenta estudos de maior fôlego sobre Clarice Lispector, podem ser encontrados no seu livro *O Drama Da Linguagem: Uma Leitura de Clarice Lispector*, por isto, que seu estudo e o de Olga de Sá mereceu ser priorizado, neste ensaio monográfico.

Depois de escrever *A Paixão Segundo G.H.*, que é um monólogo interior, Lispector em 1969 produz: *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, um romance de narrativa de terceira pessoa, porém há convivência com o personagem.

Para NUNES (1995:79-80), o regime de transação entre o *eu* narrador e a personagem não opera-se pela alternância dos discursos direto e indireto, mas, sobretudo nas primeiras páginas que constituem de Lori, pela variação do discurso indireto, com sua desigualdade rítmica e seu espaçamento, aquela e este correspondendo a uma diferenciação da temporalidade, desde o passado remoto e impessoal, de onde a personagem vem, ao passado próximo de um acontecimento que a entala em sua intimidade pessoal.

Os contos “Laços de Família”, “A Legião Estrangeira” e “Felicidade Clandestina”, de Lispector concordam com as características fundamentais do gênero, pois concentram-se num só episódio, que serve-lhe de núcleo e corresponde a determinado momento da experiência interior, às possibilidades da narrativa.

Estes contos da autora,

“(...) seguem o mesmo eixo mimético dos romances, assente na consciência individual como limiar originário do relacionamento entre o sujeito narrador e a realidade. Mas também no domínio do conto certas diferenciações específicas quanto à história propriamente dita e ao esquema do discurso narrativo, resultam como no romance, do ponto de vista assumido pelo sujeito narrador em relação ao personagem”, (NUNES, 1995:83-4).

Em seu último romance *A hora da estrela* (1977), que é alvo de análise neste ensaio monográfico, permite desvendar, segundo NUNES (SÁ, 2000:160), através de

efeito retroativo, articulações da obra inteira de que faz parte, dentro do singular processo criador da ficcionista, centrado na experiência interior, na sondagem dos estados da consciência individual.

Partindo deste processo criador, a análise de *A Hora da Estrela*, estará centrada na busca do “eu”, presente no romance de introspecção de Lispector.

A teoria que melhor esclarece este tipo de romance, está contida no movimento filosófico existencialista, que busca o desvendar do ser em si mesmo, isto é, a partir da existência humana. Os pensadores que refletem esta linha de raciocínio são: Kierkegaard, Sartre e Heidegger. Cabendo a estes dois últimos filósofos, o apoio teórico que sustentará esta produção.

Para uma melhor compreensão do romance *A Hora da Estrela* de Lispector, verifique a seguir os estudos referentes e para uma eficaz sondagem a cerca da referida autora, ver em anexo a cronologia e suas obras.

## A TRANSCENDÊNCIA DO “EU”

Com base nos estudos apresentados, o romance *A Hora da Estrela* foi o escolhido, entre muitas outras obras de Clarice Lispector, para ser analisada de forma minuciosa, como já exposto anteriormente na apresentação. Esta análise é fundamentada nos dispositivos teóricos propostos pelo Existencialismo. Assim, os estudos estão direcionados para desenvolvimento da temática “A busca do ‘eu’: um eterno questionamento” em Rodrigo S. M./Macabéa

*A Hora da Estrela*, é um título aparentemente paradoxal, pois a palavra “Estrela” alude a brilho e poder; e “Macabéa”, passa a imagem de um ser submisso e alienado, pois “(...) nada cintilará, trata-se de matéria opaca e por sua própria natureza desprezível por todos”, (LISPECTOR, 1999:16).

Este romance está impregnado de questões, a começar por seu título. Mesmo este, não sendo grafado sob forma interrogativa, o leitor pode questionar-se, qual é a hora da estrela? Assim, ao fazer uma leitura analítica, é possível que o leitor reveja seus “conceitos”, bem como a sua posição na sociedade e feito isto, este mesmo leitor possivelmente passará a questionar-se num eterno por quê, onde, aonde, para que, “eu” estou ou sou no mundo ou para mundo. “E se eu fosse eu daria tudo o que é meu, e confiaria o futuro ao futuro”, (LISPECTOR, 1984: 228-9). Esta frase de Lispector vem afirmar, o quanto é possível o questionamento dentro de suas obras e também na vida. Pois, quando vive-se neste paradoxal e questionante enigma de um “se”, “fosse” e “futuro”, o abismo é absoluto.

Em *A Hora da Estrela*, a protagonista é Macabéa, nome originário de Macabeus, palavra grega “Makkabaios” era a forma grega do sobrenome de um herói judeu assim, qual seria a referência do nome heróico com a personagem? Seria por

que Macabéa a personagem, é heroína ao viver? Ou uma simples paradoxal coincidência?

Rodrigo S. M. enquanto narrador, apresenta um “eu” que joga com a existência de outro “eu”, o de Macabéa, moça “simples”, oriunda do Nordeste, mais precisamente de Alagoas, que se estabelece no Rio de Janeiro é conceituada como ignorante e como tal, não tem consciência de si. Na cidade grande, aluga um quarto, começa a trabalhar como datilógrafa. Na horas vagas ouve a rádio relógio, seu único lazer, consequentemente, através deste meio de comunicação, assimila novos signos, porém sem conhecer seus significados. Arruma um namorado, Olímpico de Jesus, um metalúrgico nordestino e ambicioso, que no transcorrer do enredo a troca por Glória e em desespero, a protagonista do enredo é induzida a procurar uma cartomante, Madame Carlota, figura simbólica, demonstrando um período, em que as pessoas aderiram a ideologia mística.

Madame Carlota, revela a Macabéa, um futuro brilhante, repleto de magia, nostalgia e energias positivas. Ao sair da casa da cartomante, Macabéa é atropelada por um carro amarelo, símbolo de riqueza e independência; conduzido por um homem louro, alto, forte, com aparências de gringo. Seu carro era “(...) enorme como um transatlântico (...)”. Restando para Macabéa apenas a morte, isto é, “(...) um encontro consigo”, (LISPECTOR, 1999:79 e 86).

Todo romance é narrado por um “eu” masculino, que oculta a verdadeira identidade do autor da ficção, porém alude a uma revelação da psicografia de Lispector, que questiona-se: Por que escrevo?

“Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobre e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever eu me morreria simbolicamente todos os dias. (...) E agora só queria ter o que eu tivesse sido e não fui”, (LISPECTOR, 1999:21).

Aliás, Rodrigo S. M., questiona-se a todo momento, numa constante necessidade de descobrir-se, mas o “homem” tem limites, não detém o conhecimento universal. Mesmo assim, sem saber tais respostas, de uma coisa o personagem narrador tem certeza, “Tudo no mundo começa com um sim”, (LISPECTOR, 1999:11), “até” a palavra impregnada de reflexão.

Esta reflexão da palavra é uma característica marcante no romance clariceano, mas em *A Hora da Estrela*, o personagem-narrador Rodrigo S. M., está cansado de literatura não usará “termos suculentos”, “adjetivos esplendorosos”, “(...) carnudos substantivos e verbos tão esguios que atravessam agudos o ar em vias de ação, (...)”, (LISPECTOR, 1999:15). A linguagem deve ser despida para ser precisa e para poder alcançar o corpo inteiro e vivo da realidade.

Partindo desta linha de pensamento, recai-se sobre o tônus do estilo clariceano, impregnada de filosofia Existencialista.

O movimento filosófico Existencialista, foi identificado como um estilo de vida, uma forma de comportamento. Os filósofos pertencentes a este movimento, afirmam que querem “(...) lançar as bases de uma nova moral.”. Assim, “Ao afirmar-se como a corrente filosófica mais discutidas nas décadas de quarenta e cinquenta, o Existencialismo tornou-se sinônimo de fatos ou pessoas que desviassem do procedimento usual”, (PENHA, 2001:08 e 09). O romance de Lispector está impregnado de idéias existencialistas, tanto que o personagem-narrador, Rodrigo S. M., apresenta em dois terços da obra “a palavra”, pois ela parece ser mais importante do que o enredo e suas personagens. Considerando que o enredo da narrativa só é possível essencialmente pela palavra. Assim, Macabéa é um ser lingüístico, só existe através da palavra, do narrador.

Esta Fenomenologia Existencialista propunha então, um novo conhecimento do homem e do mundo, já não ético, mas metafísico, a partir da existência humana e

utilizando-se como ponto de partida o “eu” que, só ao adquirir consciência de si mesmo, começa a descobrir-se como um ser - no - mundo ou um ser - com - os - outros. Não significa no mundo e nem para os outros, consequência da não consciência de existir no mundo, é apenas matéria. Significativamente o “eu” é tratado por Lispector em *A Hora da Estrela* e também constitui-se o objeto desta análise.

Para COELHO (1993), é nessa linha de pensamento e de busca filosófica, que constrói-se a ficção clariceana, cuja escritura engendrou-se através de um tenso corpo - a - corpo com o enigma de vida, sondada até o seu cerne para além dos limites conhecidos pela razão.

Então, é possível perceber na escritura de Lispector, a fascinação, a obsessão em ultrapassar a evidência concreta da realidade imediata dos seres, coisas e relações para atingir-lhes a essência, onde esconde-se a verdade última de cada um e de todos. “Só não inicio pelo fim que justificaria o começo - como a morte parece dizer sobre a vida - porque preciso registrar os fatos antecedentes”, (LISPECTOR, 1999:12).

Uma das obsessões da modernidade e a de Lispector, consiste em: redescobrir, reinventar e nomear a verdade última da vida ou da condição humana. Assim, esta verdade última acontece no “eu” de Macabéa.

Segundo COELHO (1993), a obsessão é oriunda da segunda metade do século XIX, a partir do instante em que a ciência positivista descobre e divulga o novo conhecimento do homem (reduzindo-o a produto da evolução da matéria); descoberta científica que veio destruir a “pedra-base” da civilização cristã: a “origem divina” do homem (tal como desde o início dos tempos está revelada na Bíblia, o livro dos livros: fiança, até então indiscutível, da existência de Deus).

Toda esta complexa revolução de valores gera um “vazio” na vida humana que entra em “crise”. Uma destas, é a “crise-da-linguagem”, que é perceptível em *A Hora da Estrela*, “Enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? (...) Se esta história não existe passará a existir”, (LISPECTOR,1999:11).

O conhecimento contemporâneo, salienta que a “arte cria o real”, que aponta como “nomeadora do real”, isto significa uma mudança no conhecimento do mundo e do homem. A humanidade antes desta revolução de valores, acreditava no mundo tradicional, isto é, criado pelos deuses ou por Deus e a arte neste período era tida como “imitação” (mímesis) do real (pois o mundo pré-existia ao homem). A ciência agora, dá ao homem a responsabilidade ou o poder de criação, pois segundo HEIDEGGER (2000), o homem pode transcender o que significa dizer que o homem está capacitado a atribuir um sentido ao ser.

“É, dele como novo deus, que depende a criação do novo homem e do novo mundo. É por isso que, na literatura a crescente consciência da palavra como força onipotente (ou como limitação e fraqueza) é muito mais sintoma de busca metafísica que de renovação estética. É contra esse horizonte de expectativa que, em essência, se construiu o universo ficcional de Clarice Lispector”, (COELHO,1993:186).

Assim, o “duelo” entre o “sentir/ pensar” e o “dizer” atravessa a ficção, “Pensar é um ato. Sentir é um fato”, (LISPECTOR,1999:11). O “eu” em *Macabéa* é um ser incompleto portanto que o “sentir” não passa das necessidades vitais para a sobrevivência.

Com esta nova concepção de vida, o “Casuísmo” entra em ação, refletindo diretamente na “palavra” e considera-na como mero “artifício”, sem valor absoluto. Mas, como considerar a “palavra” um mero “artifício”, se é através dela que os homens dependem para conhecer ou expressar o real? Eis aí o grande impasse da

modernidade, e do “eu” no mundo de Lispector. Este impasse consiste também em Macabéa, pois a palavra não lhe é dada, arremetendo ao narrador a sua fala deixando assim, vazio o espaço que constituiria sua existência, (COELHO,1993).

Para COELHO (1993), é através deste impasse que a criação poética ou literária contemporânea vai se transformar em um longo processo de des-aprendizado e de uma nova aprendizagem – da qual a obra de Lispector é um dos exemplos mais eloquentes.

Com a dissolução da “base-de-verdade” constituída na ordem social, instaurada pela palavra de Deus, alicerçada pela fé, e sem um novo “centro ordenador”, o mundo entra na “era da suspeita” (segundo Nathalie Sarraute, apud COELHO,1993:176). Em *A Hora da Estrela*, é possível tal verificação, “(...) eu de fracasso em fracasso, me reduzi a mim mas pelo menos quero encontrar o mundo e seu Deus”, (LISPECTOR,1999:18).

Ao deslocar o “centro sagrado” da verdade, a vida e a “palavra” perderam o sentido e entraram em descrédito, pois sem a “fiança” da palavra de Deus e sem a certeza da eternidade após a morte que significação teria a vida? Ou, que “verdade” a palavra humana poderia exprimir? Na tentativa de solucionar questões, o narrador indaga:

“Será mesmo que a razão ultrapassa a palavra?

Mas que ao escrever – que o nome real seja dado às coisas. Cada coisa é uma palavra. E quando não se a tem, inventa-se-a. Esse vosso Deus que nos mandou inventar”, (LISPECTOR,1999:17).

A vida, a partir destas certezas abaladas, de acordo com COELHO (1993), passa a ser vista como um valor desconcertante em face das duas “verdades” que nela, desde sempre, entraram em conflito: a da “maravilha” ou “prodígio” que ela é e do “absurdo” de sua insignificância diante do tempo e da morte.

Com as certezas perdidas, o indivíduo é “Arrastado pelo naufrágio existencial e (...) se debate em um mar revolto de palavras, cuja verdadeira significação lhe escapa”, (COELHO, 1993:177). Este debate de palavras não se dá em Macabéa, mas no narrador-personagem Rodrigo S. M. Sendo assim, Macabéa só existe pelo narrador.

A ficção clariceana, também converge com a crise das certezas, pois há um confronto do escritor com a “insuficiência da palavra”, a fim de divulgar com veracidade o novo sentir e pensar.

“Será essa história um dia o meu coágulo?  
Que sei eu. Se há veracidade nela – e é claro que a história é verdadeira embora inventada – que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro (...) o delicado essencial”, (LISPECTOR, 1999: 12).

A inquietação com os “níveis de consciência”, isto é, a auto-consciência de um “eu” que reconhece-se com um “ser-com-os-outros”, consciente da interação que pré-conscientiza a “não verdade” em “verdade”, (COELHO, 1993). “(...) sou meu desconhecido, e ao escrever me surpreendo um pouco pois descobri que tenho destino”, (LISPECTOR, 1999:15) e assim, Rodrigo S. M. é consciente da existência de um destino e que lhe é dado o poder de decidir sobre o “eu” de Macabéa.

Com este “destino” há uma luta obsessiva entre o conhecimento racional e o sensorial na busca do que está além do já conhecido do homem, isto é, almeja-se buscar obsessivamente o conhecimento de algo essencial ao viver autêntico, mas que permanece oculto sob as formas fragmentadas e superficiais do convívio humano, (HEIDEGGER, 2000) Esta busca exige um continuado esforço de nomear o que vai sendo conhecido/descoberto ou intuído. Assim, “(...) vivemos exclusivamente no

presente pois sempre e eternamente é o dia de hoje e o dia de amanhã será um hoje, a eternidade é o estado das coisas neste momento”, (LISPECTOR,1999:18).

O romance, após a crise das certezas, deixa de ser “romance-espetáculo” (representação de vida) para o “romance questionamento” (romance de idéias e rupturas) com estrutura narrativa e linguagem fragmentada. “(...) essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa (...). E se for triste a minha narrativa? Depois na certa resolverei algo alegre, embora alegre por quê? Porque também sou um homem de hosanas (...)”, (LISPECTOR,1999:19).

O “eu” passa a ser sondado para buscar-se a *verdade* humana, que nele esconde-se. “Tenho um arrepio de medo. Ainda bem que eu vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim. Tenho é que me copiar (...)”, (LISPECTOR,1999:20). Que tipo de cópia seria Macabéa? E se realmente Rodrigo S. M. estivesse “fazendo” Macabéa sua imagem e semelhança, seria ela o seu lado obscuro? Pela sua palavra, deduz-se que sim, porque ele afirma que de algum modo está escrito nele. Portanto, Macabéa seria seu lado “negro” o não desenvolvido, mas intuído e projetado num ser que poderia ser destruído a qualquer momento, que fosse conveniente.

O homem busca, através da palavra a sua verdade autêntica, o seu único caminho que possivelmente poderá revelar-lhe a sua própria razão de existir. “(...) a palavra é fruto da palavra. A palavra tem que se parecer com a palavra. Atingi-la é o meu primeiro dever para comigo. E a palavra não pode ser enfeitada e artisticamente vã, tem que ser apenas ela”, (LISPECTOR,1999:20).

Com estas citações de *A Hora da Estrela*, almeja-se que o leitor identifique dentro do romance, às convergências sobre a “crise das certezas”.

Em 1938, Jean-Paul Sartre, publicou *Náusea*, um romance escrito sob influência do existencialismo, que assemelha-se, em partes com *A Hora da Estrela*.

*Náusea* é um diário escrito por Antoine Roquentin (eu lírico masculino), indivíduo inconsciente-de-si, de ser e de estar no mundo. Até que num determinado momento, ao ouvir uma música, percebe que na arte (ato-de-criação estética) está a realização da existência humana, (COELHO,1993).

Roquentin a partir deste momento, descobre que o “ato-de-escrever” liberta o homem do sistema que o aprisiona e passa a buscar um nada, porém criativo, que constitui a “causa” e a “coisa” do pensamento, que deseja o indizível. “(...) a ‘causa’ e a ‘coisa’ do pensamento é o que sempre de novo nos provoca e mais nos leva a pensar representações, (...) toda representação nos remete a pensar as raízes e origens de sua vigência e constituição”, (HEIDEGGER,2001:12).

Em *A Hora da Estrela*, o narrador-personagem é Rodrigo S. M. (eu masculino). Ele é um indivíduo consciente-de-si, contrariando Roquentin, porém em sua narrativa mostra como é o mundo sem a consciência-de-si, ele consegue esta proeza através de Macabéa.

Rodrigo S. M. faz uma denúncia da esterelidade da vida, que aprisiona o homem na rotina cotidiana.

Assim, como Roquentin teve uma “revelação”, Macabéa também teve, só que esta auto- descoberta veio acompanhada da morte. A sua vida criativa e a plenitude do existir, não passa de instantes. “Ela se abraçava a si mesma com vontade do doce nada (...) Agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou. (...) Fora buscar no próprio profundo e negro âmago de si mesma o sopro de vida (...)”, (LISPECTOR,1999:84).

Enfim, o romance de Lispector, revela que a aprendizagem existencial e criadora, pode ser breve, como foi a de Macabéa, porém o pior seria se esta “obsessão da busca” e a “consciência-de-si” nunca estivesse sido despertada. Ou será melhor viver na inconsciência? Só o tempo de cada existência dirá.

## CONCLUSÃO

A obra Clariceana foi e será intrigante e sedutora até o limiar da existência, pois ao levantar questionamentos pertinentes a esta existência humana, estará levando o leitor a questionar a sua posição como sujeito agente no mundo em que vive.

Com a efetivação deste trabalho de análise, deseja-se que ele sirva a pesquisadores da literatura clariceana como referencial de outras proposições de estudo. Tendo em vista, este, a todo momento não objetivou dar soluções acerca do objeto, mas propiciou a discussão teórica do “eu” Rodrigo S. M./Macabéa na perspectiva Filosófica Existencialista, como apenas uma possibilidade entre tantas de perquirição do objeto.

Substancialmente, os questionamentos da/na obra *A Hora da Estrela* tendem a multiplicar e não a subtrair e espera-se que, cada vez mais, “Macabéas” conscientes de si, passam a existir, numa eterna transcendência.

## BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e Martins, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 39ª ed. Rio de Janeiro: Cultrix, 2002.

CÂNDIDO, Antônio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade: Estudos De Teoria e História Literária*. 8ª ed. São Paulo: T.A.Q., 2000.

CHAUÍ, Marilena. *Convite a Filosofia*. 9ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura Feminina no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Co- direção Eduardo de Faria Coutinho. 4ª ed. São Paulo: Global, 1997.

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. São Paulo: Beca, 1999.

D'ONÓFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental: Autores e Obras Fundamentais*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

HEIDEGGER, Martin. *Ser E Tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do Coração Selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. A Descoberta do Mundo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p.208-9.

NICOLA, José de. Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 1995.

NUNES, Benedito. O Drama da Linguagem: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

PENHA, João da. O que é Existencialismo. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PLASTINO, Gilda. A mulher na literatura brasileira. Brasiliense: Revista Unifco; 2000. p.95-101.

SANT'ANNA, Affonso Romano. Análise Estrutural de Romances Brasileiros. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

SÁ, Olga de. A Escritura de Clarice Lispector. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

WALDMAN, Berta. Clarice Lispector: A Paixão segundo C.L. 2ª ed. São Paulo: Escuta, 1992.

<http://www.folhanet.com.br/portradasletras/lacosfamilia.html>

<http://www.folhanet.com.br/portradasletras/estrela.html>

<http://orbita.starmedia.com/~jeanpaulsartre/teofilo/existencialismo-sartre.html>

# ANEXOS

## ASPECTOS LIGADOS À EXPRESSÃO, SEGUNDO MASSAUD MOISÉS,

(apud SÁ,2000:47-49)

Segue-se uma análise da cosmovisão de Clarice Lispector, que Massaud vincula à Fenomenologia e ao Existencialismo. Essa análise abrange os contos de *Laços de Família* e de *A Legião dos Estrangeira*. Pode ser resumida nos seguintes itens principais, nos quais procuramos, entretanto, sublinhar os aspectos ligados à expressão:

1ª) As personagens são destituídas de imaginação ou vida interior profunda, atentas ao ir-sendo diário. Refletem unicamente sobre o que sentem, e seu diálogo interior se reduz à mentalização das sugestões sensoriais. Quando, num “momento privilegiado”, vêem o universo, esta visão é “ingênua” e sentem-se gratas por retornarem à realidade banal. A inconsciência anterior lhes permite viver sem maiores sobressaltos. A cegueira mental lhes é indispensável para sobreviverem.

2ª) A contista registra a espessura trágica do cotidiano de vidas inermes. Ela as vê como seres afogados na banalidade. A introspecção é dela, não das personagens. Estas são, antes, símbolos, personificações, índices de mediania e sua verossimilhança deve ser referida a eus-coletivos, eus-cidades ou eus-humanidades. Constituem mais modos de ser ou situações-paradigmas do homem no mundo, que representações ficcionais de pessoas reais.

3ª) Por isso, mantém entre si um diálogo sem comunicação, ou em que a comunicação só se estabelece indiretamente. Cada fala é completa em si mesma ou afirmação sem réplica. Decorre daí a semelhança entre os monólogos interiores e os diálogos do “eu” para si mesmo, aparentemente endereçados a um “outro”, por sua vez centrado na elocução do seu drama existencial.

4ª) Apesar disso, o projeto existencial destas personagens é sempre um projeto lingüístico. O ir-sendo existencial se revela e se constrói por meio de palavras. O ir-sendo pela linguagem se une com a noção de finitude irreversível do tempo. O ser toma consciência de caminhar para a morte e o nada existenciais.

5ª) O “viver” das personagens significa inconsciência, respeito pelo oculto do ser. Por isso os bichos são tão comuns nesta ficção: eles “vivem”, e a carência da expressão verbal lhes garante escapar do perigo da jornada, da consciência, do saber. A realidade mantém-se intocada. Ao contrário, o “existir” das personagens corresponde à consciência do oculto e do relativo do ser. Esse é o grande perigo, o risco, a perdição: a percepção do cotidiano vazio à sua volta.

6ª) O tom bíblico característico de alguns contos, e música de fundo de outros, expressa uma das possíveis saídas para a náusea existencial, que acompanha a descoberta de que o homem ignora a própria razão de viver e é condenado a uma solidão incurável. Contemplativa intuição do sobrenatural, assim como a ativa resposta do ódio são, porém, caminhos insuficientes de redenção. A personagem hesita entre duas alternativas igualmente infaustas: a consciência que se perde e a inconsciência que se nulifica.

7ª) Onde, a ficção de Clarice Lispector não interpreta o mundo, anseia refleti-lo como “aparece” e na profundidade psicológica, que sua imaginação sonda. Trata-se de uma cosmovisão desalentada, para a qual não há escapatória. A verossimilhança do espaço encantatório, que elabora, denuncia a perplexidade de uma civilização no ocaso da vida sem significação possível, num horizonte cultural sem mitos (salvo a Arte). Participa do chamado “realismo mágico”, mostrando-nos a face oculta do ser, revela-nos o perigo maior que nos espreita no recesso da alienação e nos convoca para, por meio da Arte, reconduzir-nos ao rumo certo. Cumpre, desse modo, o destino mais alto da obra de arte: ensina-nos a ver e a compreender o mundo e o seres que nos cercam.

## OBRAS DE CLARICE LISPECTOR

*Perto do coração selvagem* (romance), Rio de Janeiro, A Noite, 1944.

*O lustre* (romance), Rio de Janeiro, Agir, 1946.

*A cidade sitiada* (romance), Rio de Janeiro, A Noite, 1949.

"Laços de família" (contos), Rio Janeiro, Francisco Alves, 1960.

*A maçã no escuro* (romance), Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1961.

*A legião estrangeira* (contos e crônicas), Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1964.

*A paixão segundo G.H.* (romance), Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1964.

*Uma aprendizagem ou livro dos prazeres* (romance), Rio de Janeiro, Sabiá, 1969.

"Felicidade clandestina" (contos), Rio de Janeiro, Sabiá, 1971.

"A imitação da rosa" (contos), Rio de Janeiro, Artenova, 1973.

*Água viva* ("ficção"), Rio de Janeiro, Artenova, 1973.

"A via-crucis do corpo" (contos), Rio de Janeiro, Artenova, 1974.

"Onde estivestes de noite" (contos), Rio de Janeiro, Artenova, 1974.

*De corpo inteiro* (entrevistas), Rio de Janeiro, Artenova, 1975.

*Visão do esplendor* (crônicas), Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

*A hora da estrela* (romance), Rio de Janeiro, José Olympio, 1977.

*Para não esquecer* (crônicas), São Paulo, Ática, 1978.

*Um sopro de vida* ("pulsações" – prosa), Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978.

"A bela e a fera" (contos), Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1979.

*A descoberta do mundo* (crônicas), Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

## **Livros infantis**

*O mistério do coelhinho pensante*, Rio de Janeiro, J. Álvaro, 1967.

*A mulher que matou os peixes*, Rio de Janeiro, Sabiá, 1969.

*A vida íntima de Laura*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1974.

*Quase de verdade*, Rio de Janeiro, Rocco, 1978.

## CRONOLOGIA

- 1920 – Nasce Clarice Lispector, a 10 de dezembro, em Tchetchelnik, Ucrânia.
- 1921 – Chega com a família ao Brasil (Maceió).
- 1924 – Muda-se para Recife, com a Família.
- 1930 – Morre Marieta Lispector, mãe de Clarice.
- 1932 – Começa a freqüentar o Grupo Escolar João Barbalho, onde cursa o primário.
- 1933 – Mudança da família Lispector para o Rio de Janeiro.
- 1935 – Começa o curso ginásial, no Ginásio Pernambucano.
- 1937 – Transfere-se para o Colégio Sílvio Leite, na Tijuca, Rio de Janeiro, para terminar o curso ginásial.
- 1940 – Morre Pedro Lispector, pai de Clarice.
- 1941 – Começa a estudar Direito na Faculdade Nacional de Direito, ao mesmo tempo que começa a trabalhar como redatora na Agência Nacional.
- 1942 – Trabalha como jornalista no jornal *A Noite*.
- 1943 – Casa-se com Maury Gurgel valente.
- 1944 – Forma-se Advogada. Muda-se para Nápolis. Publica *Perto do Coração Selvagem*, prêmio Graça Aranha.
- 1946 – Muda-se para Berna e publica *O Lustre*.
- 1949 – Nasce, em Berna, Pedro, seu primeiro filho.
- 1951 – Muda-se para Torquay, Inglaterra, onde vive seis meses.
- 1953 – Nasce seu segundo filho, Paulo, em Washington.
- 1954 – *Perto do coração Selvagem* é publicado em francês.
- 1956 – Publica *A Maçã no escuro*. Recebe o prêmio Carmen Dolores Barnosa.
- 1959 – Separa-se do marido e volta com os filhos para o Rio de Janeiro.

- 1962 – Prêmio Carmen Dolores Barbosa para *A maçã no escuro*.
- 1964 – Publica *A paixão segundo G.H.*
- 1967 – Ganha pela publicação de *O mistério do coelhinho pensante* (literatura infantil), o prêmio Calunga. Fere-se num incêndio em seu apartamento. Inicia colaboração regular no *jornal do Brasil*.
- 1969 – Ganha o Golfinho de Ouro com “Felicidade clandestina”, editado em 1971 pela editora sabiá. Publica *A mulher que matou os peixes* (literatura infantil).
- 1970 – São traduzidos para o alemão seu romance *A maçã no escuro* e o livro de contos “Laços de família”.
- 1971 – Publica “Felicidade clandestina” (contos).
- 1973 – Publica *Água viva* (ficção).
- 1974 – Publica *onde estivestes de noite* (estórias), *A via crucis do corpo* (ficção), *A vida íntima de Laura* (literatura infantil).
- 1976 – Participa, como convidada oficial, do Congresso Mundial de Bruxaria, em Bogotá Colômbia.
- 1977 – Morre no hospital do INPS da Lagoa (Rio de Janeiro), no dia 9 de dezembro. Meses antes foi publicado seu último romance *A hora da estrela*.



